

AGÁPITO: UM ROMANCE DESCARTADO, DE GONÇALVES DIAS?¹

AGÁPITO: A ROMANCE DISCARDED, BY GONÇALVES DIAS?

Antonia Pereira de Souza
UFPB

Resumo: O objetivo deste artigo é descrever o modo de circulação do romance *Agápito*, de Gonçalves Dias, no jornal *O Arquivo* (1846), bem como analisar os caminhos que levaram ao descarte dessa obra por seu autor. Trata-se de uma pesquisa em fonte primária, visto que foram utilizados jornais; bem como bibliográfica, uma vez que também foram pesquisados livros, a exemplo de Serra (2001), Candido (2012), Leal (1868, 1864), Reis (1868), Abreu (2008) e a tese de Souza (2017), envolvendo os procedimentos qualitativos e crítico-analítico.

Palavras-chave: Literatura maranhense; Circulação de romance nos jornais oitocentistas; Trajetória do romance *Agápito*, de Gonçalves Dias.

Abstract: The purpose of this article is to describe how the novel *Agápito*, by Gonçalves Dias, circulated in the newspaper *O Arquivo* (1846), as well as to analyze the paths that led to the discard of this work by its author. This is a primary source survey, since newspapers were used; as well as bibliographic, since books were also searched, such as Serra (2001), Candido (2012), Leal (1868, 1864), Reis (1868), Abreu (2008) and Souza's thesis (2017), involving qualitative and critical-analytical procedures.

Keywords: Maranhão literature; Circulation of romance in 19th century newspapers; Trajectory of the novel *Agápito*, by Gonçalves Dias.

1. Artigo baseado na tese *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*, defendida e aprovada em 2017, na UFPB, orientada pela Prof^a Dr^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, verificamos que os romances, em sua maioria, circulavam com “modéstia retórica”, tópica clássica recorrente nos autores oitocentistas, dessa forma, encontramos explicações como a obra estar daquela forma porque não estava concluída, precisava de revisão ou foi baseada na vida real.

Nessas circunstâncias, encontramos, por exemplo, Gonçalves Dias, com seu romance *Agápito*, obra que inquietava seu autor e foi envolvida num mistério, que, nesta pesquisa, provocou uma longa busca bibliográfica e de campo na tentativa de resolvê-lo.

Agápito assemelha-se a uma tentativa de escrita de um romance por Gonçalves Dias², que circulou em três das nove edições do jornal *O Arquivo*, de São Luís, exemplares 1, 2 e 8, entre fevereiro e outubro de 1846, apenas três capítulos. Caiu no esquecimento provavelmente não só porque seja uma obra inacabada, mas também em vista de seu autor ser lembrado por suas poesias, que ofuscaram a prosa de ficção e o teatro do escritor.

Muitos estudiosos desse período, nem sequer mencionaram o romance gonçalvino, a exemplo de Sacramento Blake (1883), que dedicou à vida e à obra do maranhense cinco páginas de seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, entretanto, não citou o romance. Joaquim Serra, em 1883, referiu-se ao poeta desta forma: “Antônio Gonçalves Dias não foi somente um poeta lírico. Chefe de escola: era prosador elegante e do mais sedutor estilo” (SERRA, 2001, p. 96). Da prosa gonçalvina, conquanto, o crítico ateve-se aos prefácios e às cartas³.

Neste artigo pretendemos descrever o modo de circulação do romance *Agápito*, de Gonçalves Dias, no jornal *O Arquivo* (1846), bem como analisar os caminhos que levaram ao descarte dessa obra por seu autor. Trata-se de uma pesquisa em fonte primária, sobretudo, no jornal *O Arquivo* (1846), suporte que publicou os mencionados capítulos do romance gonçalvino, como também bibliográfica, pois recorreremos a obras de autores como: Serra (2001), Candido (2012), Leal (1868, 1864), Reis (1868), Abreu (2008) e a tese de Souza (2017), envolvendo os procedimentos qualitativos e crítico-analítico.

Está dividido em duas partes: “A circulação do romance *Agápito* no jornal *O Arquivo*”, a respeito do modo como a obra foi apresentada nesse suporte; e “O polêmico descarte do romance *Agápito*”, em que transparece a angústia que o gênero romance causava no escritor maranhense a ponto de ter descartado sua promissora obra de estreia nesse gênero literário.

2 A CIRCULAÇÃO DO ROMANCE *AGÁPITO* NO JORNAL *O ARQUIVO*

O romance gonçalvino iniciou sua veiculação, no jornal *O Arquivo*, cheio de “modéstia retórica”, procedimento inerente aos escritos do século XIX, em que se apresentavam justificativas para o modo como se encontrava o escrito ao ser apresentado ao público leitor. Observamos esse aspecto, no rodapé do periódico, dia 28 de fevereiro de 1846, no qual o autor informou que seriam

2. Como o poeta tem a vida bastante conhecida, em vista, principalmente, de sua obra poética, acreditamos que estas informações sejam suficientes: “Nasceu Gonçalves Dias, a 10 de agosto de 1823, na província do Maranhão, em um sítio denominado Boa Vista, nas terras do Jatobá, cerca de 14 léguas da cidade de Caxias, a cujo distrito pertencem” (REIS, 1868, p. 310). Hoje, o lugar Jatobá pertence ao município de Aldeias Altas.

3. A pesquisa mais recente que mencionou o romance de Gonçalves Dias foi a tese de Ricardo André Ferreira Martins, *Atenienses e fluminenses: a invenção do cânone nacional*, quando se referiu às contribuições do autor para *O Arquivo*, no qual publicou: “os poemas *Os seus olhos*, *A Escrava* e *Te Deum*, os fragmentos do romance inacabado *Memórias de Agápito*, alguns artigos de crítica teatral, intitulados *Revista Dramática*, e algumas traduções da literatura francesa” (MARTINS, 2009, p. 447).

publicados apenas alguns capítulos, em vista de o jornal não caber a obra por inteiro, além disso, o romance ainda precisava de revisão: “Publicaremos apenas alguns capítulos deste romance; — não só por não caber o seu volume nas proporções de um jornal como este — como porque ainda o não corrigimos para ser definitivamente sujeitado às provas públicas” (DIAS, *O Arquivo*, 28 fev. 1846, p. 3).

A preocupação intensa com a correção dos escritos demonstrada pelos autores maranhenses, no século XIX, a exemplo de Gonçalves Dias, entre outros, ajudou a divulgar a ideia de que o Maranhão era uma das províncias onde se falava e escrevia melhor o português, como observamos neste comentário de Joaquim Serra (2001, p. 77): “É o Maranhão inquestionavelmente uma das províncias onde melhor se fala e escreve o português. Estuda-se a língua com seriedade ali, e é por isso que os literatos maranhenses⁴ são, antes de tudo, escritores de castigada e correta linguagem”.

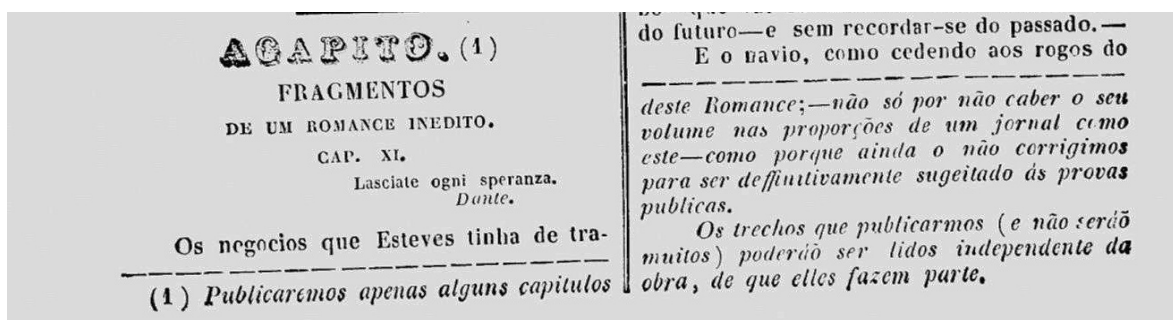
Quanto ao enredo de *Agápito*, Dias afirma que era baseado em fatos reais, conforme esclareceu no final da publicação do último capítulo veiculado: “O editor destas memórias declara que os versos latinos, a tradução e a Página de um álbum pertencem realmente aos muito verídicos personagens desta história” (DIAS, *O Arquivo*, 31 out. 1846, v. 1, n. 8, p. 155).

A publicação do romance iniciou no dia 28 de fevereiro de 1846, no número 1 do jornal *O Arquivo*, páginas de 3 a 6, a partir do capítulo XI, todavia, conforme o autor, este fato não prejudicaria a leitura, uma vez que os capítulos poderiam ser lidos de forma independente, como observamos nesta justificativa que o autor expôs no rodapé do jornal: “Os trechos que publicarmos (e não serão muitos) poderão ser lidos independente da obra de que eles fazem parte” (DIAS, *O Arquivo*, 28 fev. 1846, p. 3). Uma particularidade em relação aos capítulos é que vinham sempre com numeração romana e epígrafes.

O capítulo XI de *Agápito* começou de forma modesta, no final da primeira coluna do periódico, com o título *Agápito* grafado em letras pequenas e apertadas, com um indicativo de nota de rodapé. Logo abaixo, constava a expressão “Fragmentos e um romance inédito”. Em seguida estava a epígrafe de Dante “Lasciate ogni speranza”. A obra é marcada pelo ciúme que incomoda, separa e une os casais. Esse capítulo mostra o conflito em que vivia o casal Esteves e Josefina, quando teve um filho, mas o esposo desconfiou de que não era o pai e começou uma tortura verbal para que ela confessasse a traição. Cansada das agressões, a mulher desmaiou e Esteves pediu que alguém a socorresse. Na figura a seguir, consta o início de *Agápito* no jornal *O Arquivo*.

Figura 1 - Início do capítulo XI de *Agápito*, com as ressalvas do autor no rodapé do jornal

(*O Arquivo*, 28 fev. 1846, v. 1, n. 1, p. 3)



Fonte: <http://www.memoria.bn.br/>.

4. Cita como exemplos: “Sotero dos Reis, João Lisboa, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Trajano Galvão, Henriques Leal, Gentil Braga, Marques Rodrigues, Cândido Mendes, Teófilo de Carvalho” (SERRA, 2001, p.77).

No capítulo XII, veiculado no dia 1º de março de 1846, nas páginas de 38 a 40, o título ganhou mais visibilidade, porque veio abaixo do nome do jornal, antes da linha divisória das duas colunas e em letras maiores do que no exemplar anterior. O esclarecimento de que era fragmento de um romance inédito continuou. Após este, foi acrescentado o subtítulo “Marido e mulher”. A epigrafe, desta vez, são os seguintes versos de Manzoni: “O Dio! Dio che mi serbí / In vita ancor, Che um gran dover mi lasci / Dammi la forza per compirio”. Nesse capítulo, Esteves continuou pressionando Josefina para que admitisse a traição. Sem retorno, ele ameaçou matar o pai da criança e esta também. Josefina implorou para deixar a casa com o filho, mas o esposo não aceitou. Mesmo exausta da insistência do marido e da violência verbal constante, a jovem não se dispôs a revelar quem seria o pai do menino, então, pediu forças para suportar a morte da criança: “— Meu Deus, vós me dareis forças para suportar a morte do meu filho! E caiu sobre a cama sem sentidos” (DIAS, *O Arquivo*, 1 de mar. 1846, p. 40). Nos dois primeiros capítulos veiculados, não precisamos onde acontecia a história. Existe referência apenas que Esteves havia chegado da Espanha, onde tratava de negócios. Esta imagem mostra a forma como o periódico veiculou o início do capítulo XII:

Figura 2 - Início do capítulo XII de *Agápito* (*O Arquivo*, 1º mar. 1846, p. 38)



Fonte: <http://www.memoria.bn.br>.

O terceiro capítulo publicado foi o XX, dia 31 de outubro de 1846, v. 1, n. 8, p. 151-155, com o subtítulo “Uma página de álbum”. O título estava grafado em letras maiores que nos dias anteriores e modificado para *Memórias de Agápito*, também localizado abaixo do nome do jornal, antes da linha divisória das duas colunas, contudo a obra não era mais descrita como *Fragmento de um romance inédito*, e sim *Romance inédito*. Romance inédito significa que a obra não havia sido publicada antes; circular no jornal era seu primeiro contato com o leitor. A mudança do título, bem como de sua descrição, sugere que o autor escrevia o livro, à proporção que o publicava no periódico, e supostamente o teria concluído. O capítulo também trouxe uma epígrafe, que, assim como no primeiro divulgado, é de Dante: “Amor al cor gentil ratto s’apprende”.

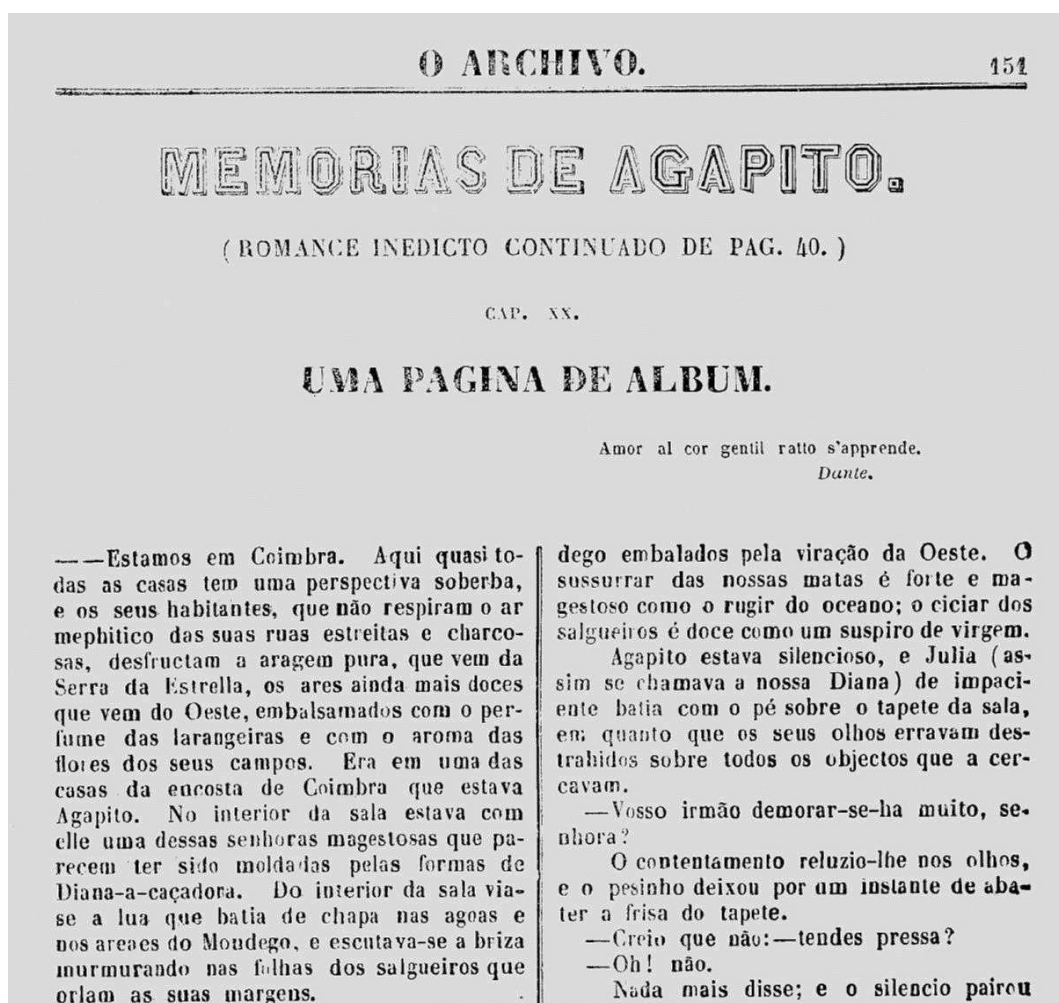
Parte da inspiração desse capítulo teria vindo das visitas que o poeta fazia aos sítios próximos a Lisboa, em período de férias, inclusive frequentava um culto sobre o amor, em Formozelha, “a uma deidade ornada dos dotes de espírito” (LEAL, 1874, p. 38).

O cenário desse capítulo é a residência de Júlia, em Coimbra, onde se encontraram Agápito e a jovem. Enquanto o rapaz esperava pelo irmão da moça, pediu para ver o álbum do amigo. Ali existia um poema de Agápito, escrito em latim, seguido da tradução. Isso motivou uma conversa entre o casal, sobre famílias e a impossibilidade de serem amigos, porque o jovem a queria como esposa, todavia ele afirmava que não podia se casar. Preferia falar sobre os álbuns. Descreveu o objeto, com grande admiração pelas lembranças que guarda e arrependeu-se de não ter um, a fim de escrever os nomes dos amigos para confirmá-los ou esquecê-los no futuro.

Júlia percebeu o sofrimento do amigo e tentou confortá-lo. Depois de muita conversa, a jovem declarou seu amor pelo rapaz, contudo, ele a assustou, levantando a possibilidade de matá-la por ciúme. Inesperadamente, ela entendeu tratar-se de um impulso do amado e jogou-se nos braços dele que a recebeu desta forma:

— Tu o quiseste, Júlia! — disse Agápito, e algumas lágrimas de contentamento lhe correram dos olhos, e banharam as faces pálidas da donzela, que parecia desmaiada em seus braços. Havia bem de tempo que ele não tinha chorado lágrimas daquelas (DIAS, *O Arquivo*, 31 out. 1846, p. 155).

Figura 3 - Início do capítulo XX de *Agápito* (*O Arquivo*, 31 out. 1846, p. 151)



Fonte: <http://www.memoria.bn.br>

Mesmo Gonçalves Dias tendo declarado que seriam veiculados apenas fragmentos de um romance, o jornal mantinha o leitor atualizado sobre a publicação, por exemplo, no final do capítulo XI, informou que a obra continuaria e, no início do capítulo XII, existe a informação de que era a continuação da página 6 do jornal. Notamos o cuidado do periódico para cativar os leitores, gerando expectativas ou atualizando-os acerca de suas publicações, uma vez que procedia assim em relação a todas que eram veiculadas de forma seriada.

3 O POLÊMICO DESCARTE DO ROMANCE *AGÁPITO*

Pelos levantamentos feitos nesta pesquisa, constatamos que *Agápito* permaneceu inédito, no jornal *O Arquivo*, até 1868, quando Antônio Henriques Leal, amigo e biógrafo do poeta, apregoou os mesmos trechos que constam no periódico, no tomo III, da coleção *Obras Póstumas de A. Gonçalves Dias*⁵. Nessa publicação, o biógrafo menciona que o poeta escreveu o romance, quando tinha vinte anos, baseado em cenas que observou, bem como nas que participou. Posteriormente o teria queimado, em vista de muitas das pessoas que o inspiram ainda estarem vivas. Leal (1868) informou detalhes sobre o terceiro volume que seria em forma de cartas, semelhante a *Nova Heloísa*, de Rousseau. O crítico frisou que se o autor tivesse se dedicado à prosa também lograria êxito:

Eram estas *Memórias* um romance íntimo escrito aos vinte anos, e a cujas cenas ou o autor tomara parte ou tinha assistido a elas. Vivendo ainda a maior parte dos personagens que figuravam nelas, entregou o poeta às chamas os três volumes de que se compunham, roubando assim das letras valores de inestimável preço, principalmente o último volume em cartas e no gênero da *Nova Heloísa*, de Rousseau. Os capítulos, que ora publico, extraídos do *Arquivo*, jornal literário que aqui saíria em 1846, e que dão a medida da glória que poderia o autor colher no gênero, se a ele se dedicasse [...] (LEAL, 1868, p. 131).

Em *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos de maranhenses ilustres já falecidos*, de 1874, Leal diz que leu o romance gonçalvino manuscrito completo, em 1846. Tratava-se de uma longa obra formada por três volumes e reafirmou que o autor era uma das personagens. No mesmo livro, Leal mencionou que Gonçalves Dias teria lhe confidenciado que queimado a obra, em vista de alguns envolvidos na história já terem morrido. Fica a incógnita: a maioria das pessoas, em quem o autor se inspirou para criar as personagens de *Agápito*, estava viva ou morta, no tempo em que o romance teria sido queimado?

[...]. Neste ano⁶, escreveu, além de muitas poesias, grande parte de um romance em que figurava e a que pusera como título — *Memórias de Agápito Goiaba*⁷. Compunha-se esse manuscrito, que li em 1846, de três grossos volumes que o poeta queimou, quando esteve na Europa em 1854, segundo ele me disse em 1861, por envolver fatos que respeitavam a outros que já não viviam (LEAL, 1874, p. 34).

5. “Coligidos por Antônio Henriques Leal, amigo do poeta, os seis volumes das *Obras póstumas* apresentam ao público todos os textos literários que pôde encontrar em publicações dispersas ou em manuscritos”, publicados entre 1867 e 1869. Informações disponíveis em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?filtertype=dc.title_t&filter=Obras+p%C3%B3stumas+de+Gon%C3%A7alves+Dias&submit_search-filter-controls_add=Buscar>. Acesso em: 12 jan. 2015.

6. Segundo ano do Curso de Direito (1842-1843) que Gonçalves Dias estudava, conforme Leal (1868).

7. Quando Gonçalves Dias propalou os três capítulos do romance no jornal *O Arquivo*, o título ainda não era *Memórias de Agápito Goiaba*, mas apenas *Agápito*, nos dois primeiros e *Memórias de Agápito* no terceiro.

Um trecho de *Agápito*, contudo não foi divulgado no jornal *O Arquivo*, mesmo assim *sobreviveu às chamas* e tornou-se conhecido mundialmente, trata-se da poesia “Canção do exílio”, pois, segundo Leal (1874, p. 34), o poema “entrava em um dos capítulos” do romance.

Em 1868, Francisco Sotero dos Reis, no *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira* também se referiu a *Agápito*, como o romance cujo manuscrito teria sido queimado por seu autor. Esse fato haveria ocorrido em 1862, oito anos após a data do descarte que Gonçalves Dias afirmara para Leal. Queimado em 1854, como mencionou Leal (1874) ou 1862, consoante Reis (1868)? A dúvida permanece.

De acordo com Reis (1868, p. 312) restaram do romance apenas os fragmentos publicados no jornal maranhense⁸: “Foi em Coimbra que escreveu grande parte de suas poesias líricas e seus dramas *Patkull* e *Beatriz Cenci*, e as *Memórias de Agápito Goiaba ou a sua vida íntima*, cujo manuscrito queimou dois anos antes de morrer⁹, mas de que existe um fragmento no jornal *O Arquivo*”.

Por que, então, Gonçalves Dias escondeu o romance e esperou dez ou dezoito anos para queimá-lo? A justificativa que ele utilizou para descartá-lo não é convincente, a ponto de confundir até seu biógrafo, conforme vimos nesta pesquisa. Na verdade, parece que se tratava de um conflito entre o autor e o gênero romance, em vista da atmosfera negativa e confusa que pairava sobre a prosa de ficção naquele período, além da supervalorização da poesia.

É provável que o autor não se sentisse à vontade diante da prosa de ficção, preferindo não expor a boa reputação construída em vista da bem sucedida carreira de poeta. Naquele período, a poesia era muito valorizada, no Brasil, considerada o gênero por excelência, um dos “grandes valores” do Romantismo (CANDIDO, 2012, p. 345), fazendo com que os poetas se sentissem “portadores de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens; daí o furor poético, a inspiração divina, o transe, alegados como fonte de poesia” (CANDIDO, 2012, p. 344).

Conforme Abreu (2008), o romance é o gênero preferido, no Brasil, desde o século XVIII, “entre os leitores das belas letras” e no século XIX ocupou cada vez mais espaço em livrarias, prelos e bibliotecas, contudo, desconfiava-se do romance porque ele não era um gênero existente na tradição clássica, em vista disso, ele levantava debates entre críticos, professores, escritores e leitores; provocava explicações, interdições, defesas, mas conquistava cada vez mais leitores:

Junto com o interesse, veio o controle. O romance ocupou o espírito de inquisidores, censores, críticos e professores que desconfiavam de um gênero não previsto pela tradição clássica, um gênero que atraía tantos e tão diversos leitores e que, com sua linguagem acessível, suscitava interpretações que feriam todo tipo de ortodoxia. Junto com a interdição, vieram as defesas. Escritores, críticos, professores e leitores ocuparam suas penas buscando justificativas para a produção e leitura do novo gênero (ABREU, 2008, p. 11).

8. Buscamos *Agápito* na Biblioteca Pública Benedito Leite, Academia Caxiense de Letras, Arquivo Público do Maranhão e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mas não existem vestígios da obra. É provável que tenha sido realmente queimada, em vista da insegurança que o gênero causava naquele período.

9. Gonçalves Dias faleceu em 1864, aos 41 anos. Reis (1878) descreveu as circunstâncias da morte do poeta desta forma: “Em 1862 partiu muito doente para a Europa, a ponto de o darem como falecido na viagem, e de ser a sua morte lamentada nos jornais como fato averiguado. Apesar de seu mau estado de saúde, foi ali de novo encarregado de extrair cópias dos arquivos portugueses. Agravando-se, porém de novo os seus padecimentos, regressou da França no brigue Ville de Boulogne, que naufragou na costa de Guimarães, na madrugada do dia 3 de novembro de 1864, e vindo quase moribundo pereceu no naufrágio, tendo seu corpo por sepultura o oceano, mas já nas águas da pátria” (REIS, 1878, p. 344). Como no naufrágio apenas o poeta foi vítima fatal, há rumores de que ele já estaria morto na hora do acidente.

No Maranhão, a poesia era o gênero preferido e que conferia mais *status* a seus autores, inclusive Gonçalves Dias pertencia ao Grupo Maranhense, existente durante o Primeiro Ciclo da Literatura Maranhense: 1832-1868, que apesar de ser formado por diversos profissionais, como “poetas, jornalistas, romancistas, teatrólogos, biógrafos, historiadores, tradutores, matemáticos e tantos outros intelectuais” (MORAES, 1977, p. 85), primava pela arte poética, tornando-a abundantemente veiculada nos jornais, geralmente identificada, o que comprova o orgulho de ser poeta nesse contexto.

Além disso, a poesia foi a primeira arte literária valorizada pelo cânone no Maranhão, a ponto de ser atribuído a esse Grupo a incumbência de “nos leg[ar] a responsabilidade de Atenas do Brasil” (MEIRELES, 1955, p. 48). A crítica nacional, também se manifestou sobre o Grupo, como José Veríssimo (2010) que o considerou superior ao grupo fluminense, em vista de escrever melhor que este, sem exageros moralizantes, nem alardes patrióticos:

Este grupo é contemporâneo da primeira geração romântica toda ela de nascimento ou residência fluminense. O que o situa e distingue na nossa literatura e o sobreleva a essa mesma geração, é a sua mais clara inteligência literária, a sua maior riqueza intelectual. Os maranhenses não têm os biocos devotos, a ostentação patriótica, a afetação moralizante do grupo fluminense, e geralmente escrevem melhor que estes (VERÍSSIMO, 2010, p. 272).

Enquanto a poesia vivia uma época de *glamour*, a prosa de ficção era considerada um gênero menor, ainda sem normas dominadas pelos escritores e perigoso a ponto de inspirar crimes, como será visto adiante, nesta pesquisa, um caso que circulou no *Museu Maranhense*, no qual dois crimes reais seriam baseados em leitura de romances e novelas.

A prosa de ficção ser vista como um gênero menor em comparação com a poesia foi um aspecto observado, por exemplo, na crônica “Literatura contemporânea – Rússia: Ponchkine — Lermontoff — Gogol”, que circulou no jornal *O Arquivo* dia 31 de julho de 1846, v. 1, n. 5, p. 89-91 e dia 31 de agosto de 1846, v. 1, n. 6, p. 109-111. Nesse artigo foram estudados alguns poetas e prosadores russos, exaltando os poetas e seus processos de criação, consoante percebemos neste trecho: “Lermontoff não era desses escritores fictícios, que para suprirem a falta de gênio socorrem-se de boas e louváveis intenções meio-fingidas, meio-reais, não, Lermontoff era um verdadeiro, um grande poeta; só ele e Ponchkine souberam falar a mulher russa” (*O Arquivo*, 31 ago. 1846, v. 6, p. 110).

Quanto à prosa de ficção, o cronista sugeriu a leitura de alguns romances desses autores, como *A filha do capitão*, de Ponchkine. Informou ainda que alguns romances de Lermontoff foram traduzidos para o francês por um russo, mas adverte que “é na poesia que é mister buscá-lo, e estudá-lo porque foi na poesia que ele se revelou” (*O Arquivo*, 31 jul. 1846, v. 1, n. 5, p. 91). Enquanto se aclamava a poesia, apesar de considerá-la menos original que a prosa de ficção, esta era mencionada e aconselhada como leitura, mas de forma tímida, e sua criação, vista como um processo irrelevante, consoante observamos nesta referência a Nicolau Gogol:

Gogol não imitou ninguém: — defeitos e belezas tudo lhe pertence. [...] e hoje Gogol é em toda a Rússia o escritor mais popular, mais influente e o mais imitado. *Ainda que simplesmente prosador*, é ele o primeiro escritor da Rússia perfeitamente original; — com o profundo conhecimento do país e do povo que ele pinta, e com singular talento para narrar [...] (*O Arquivo*, 31 ago. 1846,

Mesmo considerando a poesia uma arte melhor que a prosa de ficção, o cronista, que se manteve anônimo, reconheceu que esta era capaz de revolucionar a Literatura de um país como fez Gogol na Rússia, “diz[endo] o bem sem entusiasmo e o mal sem indignação”, e desejou que as obras do escritor se popularizassem entre os leitores: “A importância sempre crescente, que tem acompanhado este autor desde sua estreia¹⁰, e o seu mérito incontestável, nos fazem desejar que as suas obras vulgarizem-se entre nós” (*O Arquivo*, 31 ago. 1846, v. 1, n. 6, p. 11). Ou seja, a prosa de ficção, ao mesmo tempo em que era desvalorizada pelo maranhense, tornava-se desejada e uma fonte de esperança, porém a falta de mais conhecimento referente ao gênero funcionava simultaneamente como uma espécie de ímã e curiosidade, repulsa e medo.

De acordo com Valéria Augusti (2006), o interesse do público leitor pelo romance extrapolou o interesse dos autores até meados do século XIX, em vista de a leitura desse escrito ser considerada “uma atividade amena e relaxante que não demandava qualquer esforço e reflexo por parte do leitor”, enquanto que para a leitura de outros gêneros era necessário “conhecer as artes retóricas e poéticas e livros sobre métodos de estudos, responsáveis por oferecer informações sobre a língua e a cultura daquelas que eram consideradas as principais Literaturas, como por exemplo, a latina, a grega e a francesa” (AUGUSTI, 2006, p. 98). Em relação aos literatos, a pesquisadora afirmou que “pouca preocupação tiveram [...] em precisar-lhe o sentido” (AUGUSTI, 2006, p. 92).

Elaborar um romance aparentemente não seria difícil. A princípio, alguns autores descreviam o gênero como o resultado de um momento sem afazeres, como Joaquim Manuel de Macedo, em 1844, declarou no prefácio de *A Moreninha*:

Este pequeno romance deve sua existência somente aos dias de desenfado e folga que passei no belo Itaboraí, durante as férias do ano passado. Longe do bulício da corte e quase em ócio, a minha imaginação assentou lá consigo que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado delas saiu a *Moreninha* (MACEDO, 1845, p. 6).

Mais tarde, a história da criação de romances foi mudando. José de Alencar, por exemplo, declarou que as ideias para escrevê-los surgiam, com leituras que fazia para a família e para os amigos, de obras como *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outras de que já não se recordava mais: “Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas as de minha predileção (ALENCAR, 1893, p. 21)¹¹. Além da leitura dos autores preferidos, “a escrita de romances implicava o contato com autores que pudessem servir de exemplo e inspiração, bem como o conhecimento das regras de composição relativas aos gêneros clássicos” (AUGUSTI, 2006, p. 101). Mesmo com tanta polêmica em relação ao gênero, no século XIX, “o romance saiu vitorioso nas páginas da imprensa nessas primeiras décadas, ganhando fôlego suficiente para nas seguintes, estabelecer-se como um veículo privilegiado de expressão da nacionalidade brasileira” (AUGUSTI, 2006, p. 106).

Até a metade do século XIX, portanto não se sabia direito quais regras seguir para criar um bom romance, provavelmente, isso também colaborou para que Gonçalves Dias decidisse

10. O cronista afirmou equivocadamente que Gogol começou a escrever em 1839, uma vez que sua obra de estreia foi publicada em 1831.

11. Não se sabe ao certo quando Alencar escreveu *Como e porque sou romancista*. Essa obra foi publicada postumamente.

não continuar escrevendo prosa de ficção e permanecesse como poeta, afinal já provara seu talento nessa arte.

A prosa de ficção foi considerada perigosa, a ponto de induzir crimes, como verificamos no jornal *Museu Maranhense, Periódico de Instrução e Recreio*, em 1842, que divulgou um comentário anônimo sobre uma notícia que circulou em Londres, segundo a qual a leitura de novelas e outros escritos românticos foi apontada pelo leitor Gourvolsier como a inspiração para ele assassinar W. Russell. A imprensa alardeou a história e escritores como Dickens e Ainsworth foram insistentemente acusados pelo réu de causarem seu infortúnio. Restou aos escritores tentarem amenizar as impressões causadas pelo episódio:

Influxo das novelas românticas na perpetuação dos crimes

As causas criminais dos dois célebres delinquentes Oxford e Gourvolsier que tanto chamou atualmente a atenção do público de Londres suscitaram naquela capital uma questão de grande interesse para a moral pública, e as tendências literárias. Gourvolsier, o assassino de W. Russel declarou antes de morrer que a primeira ideia de seu crime foi sugerida pela leitura de uma novela, que está presentemente muito em voga em Londres, e Oxford também lia sempre novelas românticas. Os periódicos de Londres fizeram sobressair estas circunstâncias, e os autores das obras daquela classe a que hão aludido os papéis públicos responderam procurando atenuar a impressão que deviam produzir estes fatos. Nesta polêmica foram citados os nomes dos senhores Balwer, Dickens, e Ainsworth caudilhos da escola romântica de Londres, a quem ataca fortemente o *Gouvier* fazendo ver o perigoso que é para os jovens a leitura de tais obras (*Museu Maranhense*, 1º ago. 1842, p. 33-34).

A julgar pelo que observamos da experiência de Gonçalves Dias com *Agápito*, o processo de produção de um romance nesse período era bastante sofrido, incômodo e angustiante. No caso específico, “perseguiu” o autor por vários anos, e mesmo interagindo sobre a obra com amigos, conforme procedeu o poeta com Leal, não sentiu segurança para lançá-lo completamente ao público, ou não se dispunha a investir num gênero que a crítica descrevia como popular e parte dos leitores acreditava que inspirava crimes. Contentou-se com a circulação de apenas alguns capítulos no jornal. O romance parece que gerou um desconforto em seu autor a ponto de “obrigá-lo” a desfazer-se de sua obra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A circulação do romance *Agápito*, de Gonçalves Dias, no jornal *O Arquivo* ocorreu de forma gradativa. Primeiro, tímida, com o título no final da página, junto com outras publicações. A partir do segundo dia, a divulgação ganhou destaque no periódico; veio sozinha, logo abaixo do nome do jornal, com o título no início das páginas, em letras grandes e trabalhadas. Houve também acréscimo de subtítulo à obra. Da mesma forma ocorreu no terceiro dia de propalação.

O fato de terem circulado apenas três capítulos no jornal não diminui a importância dessa obra para a Literatura Maranhense, visto que as pesquisas em jornais, à luz da História Cultural, orientam o estudo dos escritos pela importância que tiveram em seu contexto de produção e circulação, em suportes diversos, não mais apenas os livros.

Quanto ao descarte da obra por seu autor, antes de publicá-la em livro, pode ter ocorrido

em vista da insegurança em relação a forma de escrever romances, que existia no século XIX, visto que não havia normas a serem seguidas na produção desse gênero. Outro aspecto relevante é que Gonçalves Dias já era famoso e admirado pelas poesias que escrevia e publicava, portanto, não quis aventurar-se em um gênero, até então permeado de incertezas e orientações duvidosas.

5 REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 497-522. (Histórias de Leitura).

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1893. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?filtertype=dc.title_t&filter=A+moreninha&submit_search-filter-controls_add=Buscar>. Acesso em: 24 jan. 2015.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil Oitocentista*. 2006. 156 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.

DIAS, Antonio Gonçalves. *Agápito*, (Fragmentos de um romance inédito). **O Arquivo**, São Luís, 28 fev./ 31 out. 1846. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetim/acervo/outrosetados/O%20ARCHIVO%20-%201846.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

LEAL, Antônio Henriques. *Obras póstumas de A. Gonçalves Dias*. Tipografia de Belarmino de Mattos: São Luís, 1868, v. 3. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/search?filtertype=* &filter=Obras+p%C3%B3stumas+de+gon%C3%A7alves+dias&submit_search-filter-controls_add=Buscar>. Acesso em: 12 jan. 2015.

_____. *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos de maranhenses ilustres já falecidos*. Imprensa Nacional: Lisboa, 1874 (Tomo III). Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/51866>. Acesso em: 15 set. 2014.

MACEDO, Joaquim Manuel. Duas palavras. In: _____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de I. P. da Costa, 2 ed. 1845, p. 6-8. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?filtertype=dc.title_t&filter=A+moreninha&submit_search-filter-controls_add=Buscar>. Acesso em: 24 jan. 2015.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. *Atenienses e fluminenses: a invenção do cânone nacional*. 2009. 801 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Unicamp, Campinas, 2009.

MEIRELES, Mário. *Panorama da Literatura Maranhense*. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

MORAES, Jomar. *Apontamentos de literatura maranhense*. São Luís: SIOGE, 1977.

Ponchkin — Lermontoff — Gogol. *O Arquivo*, São Luís, 31 jul. / 31 ago. 1846. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo/outroestados/O%20ARCHIVO%20-%201846.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

REIS, Francisco Sotero. Antônio Gonçalves Dias, poeta: sua biografia, seus Primeiros Cantos, seus Segundos Cantos, seus Últimos Cantos, seu poema épico Os Tymbiras. In: _____. *Curso de literatura portuguesa e brasileira*. São Luís: Tipografia B. de Mattos, 1868. Tomo IV, p. 311-387.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Vitorino Alves. Antônio (do) Rego. In: _____. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883. v. 1. p. 299-301. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acesso em: 12 set. 2013.

_____. Antônio Gonçalves Dias. In: _____. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1893. v. 1. p. 204-208. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acesso em: 12 set. 2013.

SERRA, Joaquim. *Sessenta anos de jornalismo: A imprensa no Maranhão*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001 [1883]. (Maranhão Sempre).

SOUZA, Antonia Pereira de. *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*. 2017, 332 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura e Cultura) — UFPB, João Pessoa, 2017.

JORNAIS

Museu Maranhense: Periódico de Instrução e Recreio. São Luís: 1842.

O Arquivo: Jornal Científico e Literário. São Luís: 1846.

Antonia Pereira de Souza

Doutora em Letras (UFPB), Mestrado em Letras (UFPI), Especialização em Língua Portuguesa (PUC – MG) e Licenciada em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa (UEMA). É professora de Língua Portuguesa na Rede Pública Estadual do Maranhão. É autora do livro *O fantástico no romance Não verás país nenhum* (Paco Editorial). Email: antoniapsouza5@gmail.com

Recebido em 10/01/2021

Aprovado em 10/04/2021